

## **MASCULINIDADES NO CONTEXTO HÍPICO URUGUAIO**

Luiz Fernando Rojo<sup>1</sup>

### **Resumo**

*O hipismo se caracteriza por ser o único esporte olímpico no qual não há, em nenhuma de suas modalidades, separação entre categorias masculinas e femininas. Desta forma, se apresenta como um espaço privilegiado para refletir sobre as diferenciações entre distinções entre os sexos e entre os gêneros. No presente trabalho irei apresentar os resultados, referentes a como diferentes masculinidades são construídas neste contexto, de uma pesquisa realizada de forma comparativa no Rio de Janeiro e em Montevidéu.*

**Palavras-chave:** hipismo; masculinidade; gênero.

### **Masculinidades no contexto hípico uruguaio**

Miguel Vale de Almeida, ao perguntar-se “o que significa ser homem do ponto de vista social?” (1998:127), chama a atenção de seus leitores para o fato de que “ser homem em Pardais [onde realizou sua etnografia] não é o mesmo que sê-lo entre os letrados lisboetas em cujo meio circulo” (ib: 129). Partindo deste pressuposto, este não é um trabalho sobre “o” homem uruguaio, ou mesmo sobre as masculinidades uruguaias, uma vez que tenho bem claro que ser homem no contexto hípico é diferente de ser homem no contexto do carnaval, na política ou em outros espaços sociais de Montevidéu.

No conjunto das modalidades olímpicas, homens e mulheres medem forças exclusivamente com pessoas do mesmo sexo e, na quase totalidade delas, os homens alcançam tempos melhores (nas provas de natação, atletismo, ciclismo e outras), distâncias maiores (atletismo) ou maiores pontuações (tiro, arco e flecha, halterofilismo). Entretanto, em uma delas – o hipismo – cavaleiros e amazonas competem em todas as provas sem separação de sexo. Como esta especificidade de praticar o único esporte no qual, desde as categorias de base, homens e mulheres competem entre si, altera a produção das masculinidades? Como isto ocorre particularmente em um país no qual a presença de mulheres na prática esportiva – e, em especial na prática esportiva de alto-rendimento – é particularmente baixa se comparada com a média internacional<sup>2</sup>?

Estas são algumas das questões que têm orientado uma pesquisa mais ampla que venho desenvolvendo, de forma comparativa, sobre as relações de gênero no hipismo praticado em Montevidéu e no Rio de Janeiro. Durante quinze meses pude acompanhar diversas competições de salto e adestramento nas duas cidades, bem como realizar uma série de entrevistas com praticantes deste esporte, de idades variando de doze a mais de sessenta anos. A partir destes dados pretendo discutir como, neste espaço social que teoricamente seria marcado por uma igualdade entre os sexos, as identidades de gênero são construídas a partir de discursos emotivos, seguindo a perspectiva desenvolvida por Abu-Lughod e Lutz (1990), que atuam simultaneamente na reconstituição de diferenças entre homens e mulheres e na produção de múltiplas masculinidades. Por fim, procurarei situar

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Sociais – PPGA/UFF – FAPERJ.

<sup>2</sup> Para comparar os dados de participação de atletas uruguaias em Jogos Pan-americanos e Olímpicos, ver Rojo (2007).

como estas masculinidades específicas do hipismo dialogam com movimentos mais amplos da construção das identidades de gênero na sociedade uruguaia.

### **O hipismo e as relações de gênero**

Somente nos Jogos Olímpicos de 1952 as mulheres foram admitidas nos torneios olímpicos de hipismo (quatro amazonas participam desta competição, conquistando uma medalha de prata no adestramento). Como nos relata Pat Smythe<sup>3</sup>, em seu livro autobiográfico, embora outras provas já admitissem a participação conjunta de cavaleiros e amazonas, ainda havia uma pressão para que estas se mantivessem separadas e, pelo menos em seu ponto de vista, uma das motivações para isto era um certo receio (e muito preconceito) de que as mulheres mostrassem superioridade sobre os homens. Deste modo, por exemplo, ela nos conta que, no final da década de quarenta, a presença de duas amazonas entre os três primeiros lugares da Copa do Rei George V, fez com que “no ano seguinte a Copa Princesa Elizabeth para senhoras fosse introduzida, e os homens ficassem protegidos por sua competição ser exclusivamente para cavaleiros” (Smythe, 1992:31).

Para refletir sobre estas questões em relação ao contexto uruguaio, temos que ter em mente que a participação da mulher no esporte de alto-rendimento neste país não apenas é reduzida, mas não se alterou em relação à situação de quarenta anos atrás. Um dos efeitos desta baixa participação é o fato de que, das dez medalhas olímpicas obtidas por atletas uruguaio, nenhuma foi ganha por uma mulher e, mesmo nos Jogos Panamericanos, onde a presença do Uruguai é mais expressiva, das setenta e cinco medalhas obtidas apenas treze foram por mulheres (sendo que nenhuma delas de ouro). Especificamente no hipismo, o Uruguai teve participação em duas edições dos Jogos Olímpicos (Roma, 1960 e Sidney, 2000), e em sete edições dos Jogos Panamericanos, sempre apenas com cavaleiros. A partir destes dados, podemos identificar como o fato do hipismo permitir a participação igualitária de homens e mulheres em suas provas não implica, de forma ainda mais incisiva no esporte uruguaio<sup>4</sup>, em uma efetiva representação feminina neste esporte.

Além disso, uma característica que deve ser observada, e cujas associações com a questão do gênero serão analisadas no decorrer deste trabalho, é a existência de hierarquias de status entre as próprias modalidades hípcas. Durante todo o desenvolvimento desta pesquisa, pude perceber que as provas de adestramento atraíam um número muito menor de praticantes e de público, bem como recebiam uma atenção em seu planejamento menor do que a atribuída às provas de salto. A combinação destas características pode ser sintetizada em uma frase sobre o adestramento, que surgiu em uma conversa com um membro de um clube hípcico, enquanto esperávamos o início de uma competição e comentávamos sobre a reduzida presença de público e de participantes nas provas de adestramento, que fez com que ele, em tom jocoso, perguntasse se eu sabia como se chamava o adestramento no Uruguai. Quando lhe disse que não, ele respondeu: “*la hermana puta*” (“a irmã puta”).

### **Os discursos sobre as emoções e a produção das masculinidades hípcas**

<sup>3</sup> Pat Smythe foi a primeira amazona a conquistar uma medalha olímpica na prova de saltos, em 1956.

<sup>4</sup> Como comparação, o Brasil, com a recente indicação da amazona Camila Mazza, chega a cinco mulheres na história olímpica apenas na modalidade salto. No adestramento, a equipe para Pequim-2008 terá duas mulheres e um homem.

Desde o trabalho de Barth (1969), a definição dominante nas Ciências Sociais para o conceito de “identidade” aponta que esta é uma construção relacional, ou seja, que “não há identidade em si, nem mesmo unicamente para si. A identidade existe sempre em relação a uma outra” (Cuche, 1999:183). Aplicando esta definição para os estudos das identidades de gênero, Bourdieu (2007) e Vale de Almeida (1998) chamam a atenção para o fato de que, em parte significativa das interações sociais, o “outro” contra o qual a identidade masculina se constrói não é prioritariamente dado pelo feminino, mas por outras masculinidades. Assim, para Bourdieu, “a virilidade tem que ser validada pelos outros homens, em sua verdade de violência real ou potencial, e atestada pelo reconhecimento de fazer parte de um grupo de ‘verdadeiros homens’ (...) A virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino” (2007: 64-66). De forma semelhante, Vale de Almeida, em sua etnografia sobre as masculinidades na aldeia de Pardais, nos mostra como estas são construídas em um complexo jogo de antagonismos e amizades que instauram simultaneamente uma “fraternidade masculina”, que vai delineando um gênero masculino específico, e “outros” masculinos, que são feminilizados por não atuarem dentro dos padrões hegemonicamente estabelecidos por aquele gênero.

Neste sentido, é possível pensar que a quase totalidade dos esportes, ao serem praticados por cada sexo em competições separadas – e aqui, de acordo com o objetivo deste trabalho, estarei focando centralmente no que diz respeito aos homens – reproduz simbolicamente esta luta pela afirmação da masculinidade. Neste caso, ser mais rápido, mais forte, mais ágil, mais resistente ou mais habilidoso do que os demais homens envolvidos na disputa, implica não apenas uma busca por medalhas, mas por um acréscimo de masculinidade que pode ser evidenciado tanto pelo aumento de prestígio, associado aos vitoriosos, como pelas formas jocosas e, em determinados contextos, explicitamente ofensivas com que os derrotados são “feminilizados” (“perdeu de *enfiada*”; “*se fudeu*”; “*caiu de quatro*” e outras formas de depreciação que remetem à passividade sexual).

A especificidade do hipismo de combinar homens e mulheres em uma mesma competição parece modificar esta relação. Neste aspecto, cabe comparar o que apareceu em diversas entrevistas realizadas sobre este tema, com o que surgia em conversas mais informais, que propiciaram ótimos momentos para acompanhar cavaleiros e amazonas conversando com seus pares e não respondendo diretamente a perguntas. Com o gravador desligado, surgiam alguns comentários muito interessantes sobre esta temática e, no que diz respeito ao tema da existência ou não de uma disputa paralela entre os sexos no interior das competições. Assim, as entrevistas apontavam para a inexistência ou irrelevância destas:

- *Como é competir em um esporte onde não há separação entre homens e mulheres?*

- *Dá no mesmo. Uma, quando está ali dentro, é um conjunto, é você com o animal e é você contra você mesma, procurando melhorar sua performance, passar sem derrubar os obstáculos. Não há um confronto direto, não há contato, cada um entra na pista e procura fazer o seu melhor. Então não há diferença se é homem, se é mulher.*

- *E você acha que todos têm esta mesma visão?*

- Se têm esta visão ou não eu não sei, mas dentro da pista, é tudo a mesma coisa. Nunca me senti tratada diferente por ser mulher. (mulher, competidora de salto).

Entretanto, quando este assunto era abordado em conversas informais, o enfoque mudava consideravelmente, principalmente o ponto de vista das mulheres, como uma passagem de meu diário de campo, que transcrevo abaixo, permite identificar. A conversa ocorreu na casa de uma amazona de salto, de cerca de quarenta e cinco anos, depois de uma entrevista, na qual percebi que as respostas dadas indicava muito mais temas que ela não parecia se sentir confortável para desenvolver com o gravador ligado. Assim, em um ambiente menos formal, falamos sobre a reação dos homens frente a possibilidade de serem derrotados por mulheres, com ela afirmando que:

“Há comentários assim, de brincadeira, mas sempre aparece isso, de homens que ‘ah!’, quando uma mulher lhes vence ... ainda que isso apareça normalmente como uma brincadeira, um chiste, mas algum comentário sempre tem. [*Pergunto por que ela acha que isso acontece*]. Os homens estão sofrendo ultimamente um pouco da perda do pedestal que havia antes, na sociedade, tudo está se equilibrando de outra maneira, então eles estão se adaptando, um pouco aos tombos, a que funcionamos agora de uma maneira muito mais igualitária. Ainda existe a herança de que eles, os homens, estavam acostumados a serem superiores às mulheres em tudo, a comandar, a mandar, a ganhar e a participar eles sozinhos, então um pouco desta sensação ainda existe”.

Deste modo, portanto, podemos identificar como este esporte altera a tradicional disputa “entre homens”, impondo para a confirmação da “virilidade” tradicionalmente associada ao masculino uma ameaça ainda maior de feminilização, que seria a derrota para uma mulher. O trabalho de campo realizado apontou dois caminhos principais pelos quais a masculinidade hegemônica busca reagir a esta ameaça: o primeiro deles fica explícito na expressão “tiene huevos”, que é usada normalmente para os homens que demonstram muita coragem e disposição em tudo o que fazem (diz-se, nestes casos, “poner los huevos”), mas ocasionalmente para mulheres que, agindo assim, se aproximariam das características masculinas. Com isto, a “masculinização” das mulheres que, nas provas de salto, rivalizam com os homens, permite um deslocamento simbólico propiciado pela valorização da diferença de gênero (homens e mulheres que “tienen los huevos” em contraposição com homens e mulheres que não os teriam) em detrimento da diferença de sexo. Ao mesmo tempo, há uma correlação constantemente reafirmada entre determinadas emoções (principalmente a coragem dos homens e a maior sensibilidade das mulheres) e as atuações de cavaleiros e amazonas, tanto no salto quanto no adestramento, que idealmente apontariam para um equilíbrio entre os sexos neste esporte.

Deste modo, podemos falar que as masculinidades, no contexto do hipismo uruguaio, são produzidas prioritariamente através de um duplo movimento em relação a coragem. Por um lado, como virtude essencialmente masculina, ela deve ser constantemente exaltada. Por outro lado, é enfatizada a necessidade de um permanente controle desta coragem, de modo que ela possa ser canalizada na procura de um rendimento esportivo ótimo, evitando assim procedimentos que poderiam acarretar a derrubada dos

obstáculos e a conseqüente perda de pontos nas provas de salto. Isto transparece nitidamente em diversas falas, tanto de homens quanto de mulheres, que expressam e reforçam as representações locais sobre as emoções neste esporte:

*“- Eu tenho ouvido, em muitas entrevistas que já realizei, sobre a importância da coragem nas provas de salto. Qual você acha que é o impacto desta emoção no desempenho de homens e mulheres?”*

- Sem dúvida você tem que ter coragem para saltar obstáculos mais altos, mais tem que saber utilizá-la também, porque tem muita gente que se arrisca sem necessidade. Você veja que para as mulheres ... o medo faz com que a mulher tenha mais atenção na aproximação dos obstáculos e assim os aborde com mais técnica” (militar, 35 anos)

- As mulheres são mais cuidadosas porque têm medo do obstáculo. Os homens, como não podem demonstrar este medo, os atacam de qualquer modo e com isto fazem muito mais faltas do que fariam, se tivessem respeito aos obstáculos” (ex-amazona, 45 anos).

Em um trabalho anterior (Rojo, 2007) analisei comparativamente estes discursos sobre a coragem construídos em Montevideu, com aqueles encontrados no Rio de Janeiro, onde se destaca a importância atribuída ao controle das emoções entre os primeiros, frente a valorização da expressão emotiva que pude observar entre os cariocas. Nas entrevistas acima, para além da importância atribuída a este controle – cuja perda acarretaria a diminuição da técnica utilizada na prova – há que se destacar a desnaturalização desta coragem. Assim, para uma das entrevistadas, medo e coragem seriam muito mais conseqüências de diferenças na socialização das crianças com este esporte, deixando explícito que uma educação diferenciada sexualmente, como ocorre no Uruguai, produziria emoções diferenciadas no futuro. Já na última entrevista, podemos concluir que, para esta amazona, a questão não estaria na emoção em si mesma, mas na impossibilidade de sua expressão pelos homens, sem que estes corram o risco da perda da virilidade.

Se as diferentes identidades de gênero masculinas aparecem nas entrevistas realizadas, elas podem ser encontradas também nas diversas expressões não-verbais, que a realização de um trabalho de campo de larga duração permite acessar. Entre esta “série de fenômenos muito importantes que, provavelmente, não podem ser registrados através de questionários ou documentos estatísticos, mas têm que ser observados em sua plena realização” (Malinowski, 1986:42), que este autor denominou de “imponderabilia da vida real”, está a utilização do chicote durante a realização das provas.

Assim, na medida em que fui me familiarizando com as regras e a prática deste esporte, pude ir ampliando e treinando o meu olhar para observar aspectos que, em um primeiro momento, me passavam despercebidos. Se, nas primeiras idas a campo, estava mais preocupado em anotar a quantidade de homens e mulheres nas provas com diferentes alturas de obstáculos – que me levou a perceber que, na medida em que estas alturas vão aumentando, diminui significativamente o número de mulheres – o período final dos meus dezoito meses de observação me encontrou muito mais atento para os pequenos gestos, nos quais pude encontrar variações significativas, não apenas entre homens e mulheres, mas entre diferentes masculinidades e feminilidades.

Embora não seja normalmente obrigatório, o chicote é considerado parte integrante dos acessórios com os quais se deve entrar em pista, tanto no salto quanto no adestramento.

Especificamente no caso da modalidade do salto, sua função, segundo alguns treinadores com quem conversei, é a de “corrigir” o animal após alguma falha deste ou, se possível, corrigir sua passada antes de que a falta seja cometida. Entretanto, em diversos momentos, pude observar como este acessório, quando na mão de determinados homens, era referido como uma ferramenta punitiva. Embora não possua os fundamentos técnicos para diferenciar quando uma falta pudesse ser atribuída a má condução do cavaleiro/amazona ou a algum erro do animal (há algumas pessoas que conheci que atribuem todas as faltas a erros de quem está montando, no entanto a maioria admite que a montaria também pode contribuir ocasionalmente para estas), comecei a ser capaz de diferenciar tipos de “correção”. Assim, a totalidade das mulheres que pude observar, bem como alguns homens, ou não utilizavam o chicote (alguns sequer entravam em pista, quando não explicitamente obrigados pelo regulamento da prova, com este acessório) ou davam uma ou duas chicoteadas secas e rápidas que, segundo eles, não machucavam o cavalo, apenas o “alertavam” para alguma dificuldade maior ou o “corrigiam” após a recusa em saltar determinado obstáculo. Por outro lado, uma quantidade significativa de homens, principalmente após um refugo, utilizavam ostensivamente o chicote de modo, inclusive, a gerar comentários de desaprovação entre os que estavam assistindo, como o proferido por uma senhora, logo após o que ela chamou de uma “descarga de raiva” do cavaleiro com o seu próprio erro: “Olha só! Deve estar se sentindo o ‘macho’ todo-poderoso!”. Ao ouvir esta exclamação, me aproximei, falando de minha pesquisa e estimulando a conversa sobre este tema, o que pareceu agradar muito a ela, que pôde expressar toda a sua desaprovação:

“- Ter que bater em um cavalo para que passe um obstáculo não é prazeroso nem para ele nem para mim! Não precisa bater.”

- *Então por que alguns fazem, para a senhora?*

- Ah! Às vezes, têm homens que olham para uma pista e querem se sentir os dominadores do cavalo e há muitos também que olham para eles e os vêem como ‘os homens’ e dizem: ‘esse sim, esse sim que é um macho’. Como os carneiros, em um frigorífico, os homens que enfiam a faca são os mais valentes. Pode ser que alguns homens tenham isto como exemplo, mas quem usa o chicote assim, às vezes até batendo nas partes mais sensíveis do cavalo, eu gostaria de agarrar este homem e pegá-lo por suas partes mais sensíveis e aplicar-lhe um torniquete, para que ele veja como .”

Alguns homens com quem conversei sobre este tema do uso do chicote o associaram com a faixa etária. Assim, seria mais próprio dos jovens estes “arroubos” (na expressão de um deles) de masculinidade, que não perceberiam que isto “irrita o animal sem necessidade, o cavaleiro tem que mostrar controle sobre o animal, não opressão sobre ele” (como outro comentou em seguida). Retoma-se, nestas falas, a possibilidade de percebermos como, neste contexto, a construção das identidades de gênero se faz de forma indissociável do aspecto etário<sup>5</sup>. Neste processo, retomando as discussões já apresentadas

---

<sup>5</sup> Além de ser o único esporte que reúne homens e mulheres nas mesmas provas, o hipismo também é considerado um dos esportes de maior amplitude etária. Isto pode ser identificado até mesmo nas competições mais importantes, como os Jogos Olímpicos. Em Pequim-2006, por exemplo, esta faixa compreendia desde a amazona brasileira Luiza Almeida, de 16 anos de idade, até Hiroshi Hoketsu, cavaleiro japonês de 67 anos.

por Lutz, a capacidade de controle das emoções, característica associada fundamentalmente ao “homem adulto”, é realçada em oposição tanto ao feminino, quanto aos “jovens”.

### **Conclusão**

Magnani, em seu trabalho sobre as possibilidades da antropologia em contextos urbanos, chama a atenção para o perigo da “‘tentação da aldeia’, que é a de encarar o objeto de estudo como uma unidade fechada e auto-centrada” (1996:47). Neste sentido, embora tenha claro que as masculinidades observadas no contexto hípico de Montevideu não representem todas as possibilidades de identidades de gênero masculinas do Uruguai, entendo que o recorte proposto neste trabalho permite tecer alguns vínculos com a questão das relações de gênero neste país, bem como estabelecer comparações, o que é um dos objetivos da pesquisa mais ampla na qual este texto se insere, com a construção de identidades de gênero no hipismo praticado no Rio de Janeiro.

Para explicitar estes vínculos, nada mais eloquente que a afirmação de que “no Uruguai nós temos outras prioridades”, feita por uma mulher para responder a questão de por que tantas mulheres abandonam o hipismo em prol do casamento e da maternidade, parece ir muito além do que ocorre no micro-espço dos esportes equestres. Para interpretar de forma mais densa esta afirmação, no entanto, é fundamental recordarmos que este esporte é não apenas praticado, mas altamente valorizado também, como um “hobby” dos setores social e economicamente dominantes. Desta forma, o posicionamento expresso por esta ex-amazona reforça as características assinaladas por Barrán (2004) sobre o processo de “civilização dos costumes” que teria ocorrido no Uruguai entre o final do século XIX e o início do século XX. Seguindo uma perspectiva bastante próxima da desenvolvida por Elias (1989) sobre o processo civilizatório ocidental, Barrán irá discutir como determinados setores da elite uruguaia buscaram modificar o que passou a ser chamado de “costumes bárbaros”, não apenas dos setores populares mas no seio da própria elite, “civilizando” as mais diversas esferas da sociedade (política, educação, o carnaval, os jogos, as festas, a relação com a morte, entre tantos outros âmbitos estudados por este autor). Neste processo, o “controle das pulsões” e a redução do espaço público destinado às mulheres se reforçam mutuamente. Assim, por exemplo, se até o período de 1870-1880, tanto no carnaval quanto nos jogos, praticamente não havia distinção entre expectadores e espetáculo, com homens e mulheres nas ruas participando ativamente de ambos, a partir desta época pode-se começar a notar uma progressiva diferenciação nestas, e em outras esferas da sociedade. Em primeiro lugar, a mulher vai sendo cada vez mais deslocada para um papel passivo de assistência, enquanto os homens ocupam ambos os espaços (participantes destes espetáculos, principalmente os mais jovens, mas também expectadores, uma vez que a nova “sobriedade” exigida do comportamento masculino adulto não combinava com determinadas práticas que esta sociedade buscava definir como “civilizada”). Em segundo lugar, a substituição do jogo desenfreado, sem regras pré-estabelecidas e propiciador do riso e da desmesura pelo esporte regulamentado, no qual as paixões deveriam ser contidas para atingir um resultado que passa a ser mais importante do que o prazer do jogo, atua fortemente no sentido de um “discurso sobre as emoções” na sociedade uruguaia, que vincula profundamente progresso – identidade de gênero – classe social e faixa etária.

Embora seja possível notar novos movimentos ocorrendo nesta sociedade, principalmente na última década, a partir dos impactos locais de uma rediscussão da

questão das relações entre homens e mulheres em uma escala internacional, é notável que estes espaços, que foram tradicionalmente associados não apenas a um mundo masculino, mas ao local da “contenção de si”, ofereçam maior resistência a este reposicionamento da questão de gênero. Somente nos últimos anos há uma entrada, ainda tímida, de mulheres em uma das principais manifestações do carnaval uruguaio (as “*murgas*”) e chama a atenção que, em um recente encontro para discutir o papel da mulher no Uruguai, nenhum dos sessenta e nove grupos que se reuniram tratava da questão da mulher no esporte.

Neste sentido, embora os dados aqui apresentados não permitam deduzir que o padrão hegemônico de masculinidade, desenvolvido no contexto do hipismo em Montevidéu, *represente* a masculinidade uruguaia, creio ser possível identificar que ele atua fortemente no sentido de manter e reforçar determinadas relações de poder entre os gêneros nesta sociedade. Como este trabalho procurou explicitar, esta ação se dá principalmente através de uma naturalização da associação entre determinados discursos sobre as emoções e as identidades de gênero. Potencializada pelo fato de ser expresso no único esporte no qual não há uma separação formal entre homens e mulheres, esta naturalização das diferenças de gênero, que são promovidos nestes espaços, não parecem ser facilmente questionáveis sem uma crítica mais profunda dos próprios discursos, acadêmicos e de senso-comum, sobre as emoções.

### **Bibliografia**

ABU-LUGHOD, Lila & LUTZ, Catherine. Introduction: emotion, discourse, and the politics of everyday life. In ABU-LUGHOD, Lila e LUTZ, Catherine (ed.) *Language and the politics of emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

BARRÁN, José Pedro. *História de la sensibilidad en Uruguay*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2004.

BARTH, Frederik. Les groupes ethniques et leurs frontières. In: POUTIGNAT, STREIFF-FENART, J. (org.) *Théories de l'ethnicité*, PUF, col. Paris: Le sociologue, 1995.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas Ciências Sociais*. Bauru: EdUSC, 1999.

ELIAS, Norbert. *El proceso de la civilización*. México: Cultura Económica, 1989.

LUTZ, Catherine. Engendered emotions: gender, power, and the rhetoric of emotional control in American discourse. In LUTZ, Catherine & ABU-LUGHOD, Lila (ed.) *Language and the politics of emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

MAGNANI, José Guilherme. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP, 1996.

MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução: o assunto, o método e o objetivo desta investigação. In: DURHAM, Eunice (org.). *Bronislaw Malinowski*. São Paulo: Ática, 1986.





**1º ENCONTRO DA ALESDE**  
**“Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas”**  
**UFPR - Curitiba - Paraná - Brasil**  
**30, 31/10 e 01/11/2008**

ROJO, Luiz Fernando. Relações de gênero no hipismo. In: *Antropología Social y Cultural en Uruguay*, Montevideo, Editorial Nordan, 2007.

SMYTHE, Pat. *Leaping life's fences*. London: The sportsman's press, 1992.

VALE de ALMEIDA, Miguel. *Senhores de si*. Lisboa: Fim de século, 1998.